

UM OLHAR PEDAGÓGICO SOBRE A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO CONTEXTO ESCOLAR

Eliane de Oliveira da Silva Fernandes*

Aline Bittencourt Domingos**

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

RESUMO

Neste novo cenário de transformações, é preciso reconstruir o saber da escola e a formação do educador, bem como a participação da família no processo educativo. Os educadores e a família devem estar preparados para educar homens que irão formar a sociedade do futuro. É preciso uma sociedade justa, solidária e democrática e esta não pode ser como uma ilha, isolada em todos os seus lados; é preciso parceria da família, uma relação de colaboração entre instituições que compartilham objetos ou interesses comuns, neste caso, uma aprendizagem mais significativa para as crianças. Comprometer-se com a educação é um dever de todos. Descobrir é uma questão intensa de buscas que levam as pessoas a desvendarem uma nova descoberta, um novo aprender. Começar é um verbo que envolve muita ação; ação para repensar, refletir, (re)elaborar e, o mais importante, mudar para construir. Construir envolve uma busca constante do novo.

Palavras-chave: Família. Escola. Parceria.

1 INTRODUÇÃO

Na certeza de que o homem é condutor de sua própria história, é preciso que o educador tenha em mente o sentido da competência em conduzir este trajeto histórico para a formação de um aluno que não aceita ser objeto de manipulação, tornando-o um ser capaz de construir sua própria história, preparando-o para a compreensão da visão de mundo para que, assim, possa agir, transformar e participar das mudanças na sociedade. Sem essa compreensão, tornar-se-á inviável a participação do educando neste processo de transformação histórico-sociocultural.

Falar do contexto familiar e seu papel na aprendizagem numa época de profundas transformações sociais, culturais, de diferentes costumes requerem pensar na família como grupo social e como uma instituição que não poderia deixar de refletir tais mudanças.

A família e a escola são, provavelmente, as instituições mais importantes durante os anos de formação da criança, contribuindo para a sua construção como sujeita em desenvolvimento. Considerando este tema, tem-se como objetivo principal desta ação no Curso de Pedagogia refletir sobre a

* Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia – UNIASSELVI

** Tutora Externa do Curso de Licenciatura em Pedagogia, Polo Capivari de Baixo – SC

importância da participação da família no processo ensino-aprendizagem. Torna-se fundamental apresentar a família, neste estudo, como sendo a válvula propulsora na contribuição do processo ensino-aprendizagem, uma parceira junto à escola para o sucesso do aluno.

Quando refletimos a relação professor X família X escola, deve-se entender que cada uma dessas instituições sociais possui seu papel educativo, auxiliando e contribuindo de forma mútua na educação escolar da criança. A comunicação entre escola e família deve estar sintonizada para, assim, acontecer uma melhor aprendizagem, baseada na reciprocidade e na confiabilidade no desenvolvimento das ações.

Sabe-se que é difícil manter a coerência entre estes três segmentos – família, professor e escola – visto que as crianças (não só as crianças, os professores também) têm uma grande diversidade cultural, social, econômica e essas disparidades afetam os educandos. É importante enfatizar que estudos dos meios comunicativos mostram que, havendo a conscientização de parceria entre escola e família, a criança terá uma aprendizagem mais equilibrada, será receptiva a novos conhecimentos e adquirirá confiança em si para desenvolver as ações propostas, tanto na escola quanto nas vivências diárias.

O presente trabalho de conclusão do curso tem, também, por objetivo identificar o papel do contexto familiar no processo ensino-aprendizagem e promover uma reflexão sobre o assunto. Com base nas leituras realizadas, a família é a instituição social que fortalece ou não a interação do indivíduo no mundo. Diante desta afirmação, torna-se claro que a criança, em sua primeira experiência escolar, desenvolve uma dependência total de seus pais para que possa ter uma boa aprendizagem escolar.

2 FAMÍLIA & APRENDIZAGEM – UM IMPORTANTE ELO PARA O EDUCANDO

A escola e a educação se complementam; sobretudo, a família não deve esquecer que o dever de educar os filhos a ela pertence. Sendo assim, a família e a escola se auxiliam e completam. Acredita-se que a família, a sociedade e, em destaque a escola, ofereçam à criança uma educação que represente um projeto de vida autêntico e que forneçam a preparação necessária para que, através dessa educação, possam habilitar o educando a formação do exercício de cidadania.

2.1 A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO ENSINO X APRENDIZAGEM

Nos últimos tempos, sobretudo a partir dos anos 80, o tema da presença da família na escolarização dos filhos vem constituindo um capítulo importante na educação. De acordo com Alencar (1982, p. 135):

A família e a escola são provavelmente as instituições sociais mais importantes durante os anos de formação da criança. Cabe a estas transformar uma criança dependente e imatura em um membro responsável, autossuficiente e em condições de contribuir para o bem-estar de sua comunidade.

O contexto familiar e o escolar constituem, por vezes, uma questão conflituosa nos dias atuais. De um lado, a escola aponta a família como responsável pelos fracassos, insucessos e outros fatores que variam desde a indisciplina até a falta de valores; do outro, têm-se a família que aponta a escola como uma instituição falida, com professores fracassados, sem autonomia ou poder em excesso. Pais “fazem de conta” que acompanham seu filho na escola. Mesmo assim, a escola acredita numa mudança, num novo processo de transformação, onde juntos conseguirão modificar o quadro que é visível em grande parte das unidades escolares. Esta é uma afirmação que muitas vezes escutamos em reuniões pedagógicas, ou com

os pais, em conselhos de classe, ou seja, na relação escola x família e vice-versa.

Por outro lado, há os excessos, que com tantas demonstrações de amor e carinho, muitas vezes, acabam dificultando o desenvolvimento intelectual dos filhos, não os deixando passar por dificuldades e tropeços que a vida lhes apresenta. Talvez pelo temor de negar-lhes algo, pela falta de experiência ou até mesmo pela compensação de sua ausência diária em casa.

Maldonado (1985, p. 13) discorre que:

O relacionamento entre pais e filhos é algo bastante complexo e mutável ao longo do desenvolvimento da criança: a imagem que se constroem sobre o que é ser bom pai ou boa mãe, a filosofia, crenças e valores pessoais em relação à educação de criança, tudo isso também exerce uma influência marcante na estruturação do relacionamento; porém as maneiras como nos comunicamos com a criança, as mensagens que enviamos a cada momento em que interagimos com ela constitui um alicerce poderoso no relacionamento.

É importante salientar que a família realiza sua função educativa sempre que respeita as opiniões contrárias às suas. Uma compreensão calorosa e recíproca contribui para a criança sentir-se bem consigo mesma. É também necessário que os pais “abram” sua inteligência e o coração para o desafio educacional. A eficiência e a dignidade das novas gerações muito dependem da harmonia, da união, da identificação entre a família e a escola.

A criança é um ser histórico e, a princípio, está inserida em uma instituição familiar, dentro de um determinado contexto. A família é o grupo base, por isso promove a primeira interação entre o meio e a criança em desenvolvimento, que sofre influências marcantes dessa instituição. Segundo Jaques Lacan (apud BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999, p. 238):

Entre todos os grupos humanos, a família desempenha um papel primordial na transmissão de cultura. Se as tradições espirituais, a manutenção dos ritos e dos costumes, a conservação das técnicas e do patrimônio, são com ela disputados por outros grupos sociais, a família prevalece na primeira educação, na repressão dos instintos, na aquisição da língua acertadamente chamada de materna. Com isso, ela preside os processos fundamentais do desenvolvimento psíquico.

Verifica-se a grande responsabilidade da família pela educação de seus filhos, não apenas na obrigatoriedade de mandá-los à escola, mas principalmente pelos modelos de conduta que exercem perante os mesmos. Entretanto, a família não está sozinha neste processo; logo em seguida vem a escola, onde, a partir do momento em que a criança começa a frequentá-la, também sofrerá influências de forma marcante.

A escola vem para dar suporte à família, pois ela, sozinha, não consegue dar conta da educação e da socialização de suas crianças, necessitando de apoio específico para tal, devido à complexidade da sociedade e também da cultura. Assim como a família, a escola também reflete valores culturais diversos.

2.2 O ACOMPANHAMENTO FAMILIAR – UM IMPORTANTE ALIADO NA SUPERAÇÃO DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

É importante que a família tenha a visão do quanto é essencial para a formação da criança; que ela esteja presente, dando sempre apoio para facilitar a adaptação e o seu desenvolvimento escolar. Para Aquino (2002, p. 120) “Os pais são os primeiros e principais educadores dos filhos e tem neste campo uma competência fundamental: são educadores porque são pais. E a família é, pois, a primeira escola das virtudes sociais de que as sociedades têm necessidades.”

Para a criança que está inserida tanto na instituição familiar quanto na escolar, muitas vezes, torna-se difícil acompanhar essas variações e ela acaba encontrando grandes dificuldades no próprio desenvolvimento escolar. Essas dificuldades tendem a se intensificar principalmente no início de sua vida educacional, quando não possui uma sólida estrutura emocional. Para facilitar esse processo de transição, a família e a escola precisam integrar-se. Primeiro, para que haja um conhecimento mútuo e, conseqüentemente, para que exista cooperação entre elas. Por fim, para que consigam auxiliar na aprendizagem e no desenvolvimento escolar da criança. Quanto à relação “família x escola”, Nogueira (2000, p. 71) aponta:

Os relatos dão conta de um desejo, cada vez maior, de voltar ao lar. Como se ele fosse um refúgio seguro, capaz de protegê-los de um estado mórbido diante da ausência e impossibilidade de participar de um conjunto de novas experiências que se colocam, se oferecem e não podem ser vividas. A atuação da família age no sentido de se superar essa fase para que o filho possa seguir adiante. Esse trabalho da família é difícil de ser percebido, mas perpassa toda a trajetória escolar desses estudantes.

Para que a escola seja bem vista pela criança é necessário muito apoio por parte da própria família, pois é no âmbito escolar que ela precisa se adaptar, desenvolver suas competências e sentir que a educação é importante para a sua construção como ser social. Nos últimos anos, a instituição família sofreu profundas transformações. Segundo Gesell (1977, p. 341):

Verificam-se grandes mudanças na vida familiar desde que foi publicada a primeira edição deste livro. As crianças não mudaram de forma apreciável. Mas as famílias nos seios das quais criam são em muitos aspectos completamente diferentes do que eram há trinta anos.

Segundo o Estatuto da Criança e do

Adolescente (ECA), Art. 53º, Parágrafo Único, “é direito dos pais ou responsáveis ter consciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais”. E também, Art. 129º, capítulo V, a família tem “obrigação de matricular o filho ou pupilo e acompanhar sua frequência e aproveitamento escolar”. Em outro item, no Artigo 4º:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Para Aquino (2002, p. 118), “sem dúvida, a educação é a melhor herança que os pais devem deixar aos filhos, ninguém pode lhes roubar nem destruir. A educação não é só para crianças e jovens, é para todos; é uma tarefa que nunca termina na vida”. De acordo com Winnicott (1993, p. 59),

A família nunca deixa de ser importante, e é responsável por muitas de nossas viagens. Nós escapamos, emigramos, trocamos o sul pelo norte e o leste pelo oeste devido às necessidades de nos libertarmos; e depois viajamos periodicamente de volta para casa para renovar o contato com a família.

Segundo Guimarães (1993, p. 29), “não é possível que os pais estejam apenas obcecados pelo sucesso escolar dos filhos: exagero nesse particular leva a fazer com que os filhos se tornem pessoas desequilibradas”. Sendo a família o primeiro ambiente socializador da criança, é ela que deve prepara-la para a escola, mostrando sua importância e valorizando-a. Deve sempre ter a consciência de que sua presença e apoio são fundamentais para que a criança se sinta segura e motivada, dando assim sua contribuição para um melhor desempenho escolar. Para Tedesco, (2002, p. 23):

[...] a criança hoje se incorpora cada vez

mais cedo a instituições diferentes da família, como pré-escolas e creches ou mesmo alguém que cuida dela para que a mãe trabalhe. Esses adultos são menos importantes que os pais, do ponto de vista afetivo. Por isso, a primeira socialização está se realizando sem tanta carga afetiva, como no passado. Não se pode simplesmente transmitir conhecimentos se a socialização primária, embutida de valores e afetos importantes, não está completa.

A escola é o segundo ambiente da criança, já bem mais amplo que a família, e o segundo socializador mais abrangente que a família.

2.3 FAMÍLIA E EDUCAÇÃO – UMA UNIÃO PARA AS SUPERAÇÕES DAS DIFICULDADES DO ATO EDUCATIVO

Segundo Savater (2002, p. 46), “a educação dos primeiros anos deve ser a mais completa! (...) Se a educação inicial da criança é boa, todo o processo de aprendizagem torna-se mais fácil”. O apoio da família deve permanecer em toda a caminhada escolar, mas é nos primeiros anos que deve ser mais intenso, porque é neles que será construída a base educacional da criança. Se esta tiver um bom acompanhamento, não encontrará grandes dificuldades para prosseguir, havendo um momento em que se sentirá segura e começará a caminhar sozinha. Neste entendimento, Gesell (1997, p. 401) afirma:

Uma escola verdadeiramente concentrada na criança não ignora o lar, mas, pelo contrário, trabalhará em colaboração com ele. Uma tal escola preocupar-se-á com o tipo de lar no qual a criança está a ser criada, interessar-se-á pela sua biografia. Toda a criança chega à escola com uma longa carreira atrás dela. (...) Os pais podem ajudar tanto o professor como a criança a fornecerem informações significativas à atenção da escola.

Crianças sem o apoio dos pais podem se tornar desinteressadas e até rebeldes,

tanto na escola, quanto em casa. Esse tipo de problema é citado frequentemente em conversas entre professores. Se a criança não tem motivação ou a família não se importa com ela, acaba se rebelando, buscando formas de chamar a atenção. Segundo Bencini (2003, p. 38):

Todo educador sabe que o apoio da família é crucial no desempenho escolar. Pai que acompanha a lição de casa. Mãe que não falta a nenhuma reunião. Pais cooperativos e atentos no desempenho escolar dos filhos na medida certa. Esse é o desejo de qualquer professor.

Outro fator importante para ser repensado é referente à autoestima, um dos principais elementos do desenvolvimento humano. É por meio da sua elevação que o indivíduo se torna mais forte para desenvolver suas atividades de tomar atitudes mais viáveis para a sua vida, exteriorizando seus desejos e vontades. Quando a autoestima está elevada, contribui-se para o desabrochar espontâneo das emoções e do pensamento, tão necessário para o desenvolvimento completo da pessoa. A construção do “eu” depende essencialmente do outro. Até mesmo a dor, o ódio e o sofrimento são elementos estimuladores do “eu”. (DANTAS, 1990). Autoestima é o bom relacionamento de cada ser humano consigo mesmo, representa o quanto cada um está bem com suas próprias características.

Pessoas que têm autoimagem positiva são mais confiantes, arriscam-se mais e, com isso, conseguem oportunidades mais interessantes para si mesmas. O contrário acontece com quem tem autoestima baixa, porque estas tendem a confiar pouco em si mesmas, preferem não se expor muito, com medo de uma reação negativa dos outros e acabam se confinando numa realidade limitada, sem criar possibilidades de desenvolvimento individual, crescimento e melhoras nas relações com pessoas e coisas. Neste entendimento, complementa Esteban (1992, p. 75):

[...] a ação escolar tem importante papel

na construção/reconstrução desses autoconceito. A criança que possui expectativas negativas em relação a si mesma não acredita em suas diversas possibilidades. Portanto, o seu resultado escolar pode negar ou confirmar suas expectativas em relação a si mesma, contribuindo para o reforço ou para a superação dessa realidade.

É muito importante que o relacionamento de cada um com seu próprio jeito de ser seja positivo para garantir relações saudáveis em todos os setores da vida pessoal. É na família que se desenvolvem os princípios básicos de cidadania, de afetividade; pode-se considerá-la como uma comunidade biológica, econômica, intelectual e espiritual, sobretudo para a educação dos filhos. Muitos sociólogos colocam a família como centro da sociedade.

3 REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Rompendo com o tradicionalismo, a escola e a família devem apostar em projetos onde todos devem ser parceiros de trabalhos. Os alunos deixariam de ter um papel passivo e os pais e professores repensariam seu papel de avançar na construção de uma proposta coletiva de educação. Este deve ser um processo contínuo, dinâmico, principalmente interativo e reflexivo, pois visa à integração do conhecimento do aluno ao professor, sendo este o mediador na construção do conhecimento.

3.1 REFLETINDO SOBRE ALGUNS ASPECTOS DA RELAÇÃO PROFESSOR, FAMÍLIA E ESCOLA

Quando se fala na relação professor x família x escola, é fundamental entender que cada uma dessas instituições sociais possui seu papel educativo, auxiliando e contribuindo, de forma mútua, na educação escolar da criança. Acredita-se, então, que, quando a comunicação entre estas instituições se dá com frequência, pode acontecer uma

qualidade superior no aprendizado do aluno. Também, quando um deles deixa de fazer seu papel, isso pode refletir imediatamente no crescimento e amplitude do aprendizado infantil.

Neste sentido, a função social de todo o educador é dar continuidade ao processo educativo, estabelecendo o papel fundamental da família na escola, inclusive influenciando na sociedade. O professor, muitas vezes, assume outro papel, pois o “educar” faz com que muitas famílias deixem de lado seu compromisso com a educação de seus filhos, deixando esta responsabilidade para os professores e dificultando ainda mais o processo de aprendizagem.

Sabe-se que o professor possui um compromisso muito grande com a formação dos alunos e deve, por isso, ter uma boa convivência com eles, buscando sempre o diálogo, a união, a organização, pois é desta forma que ele poderá conhecer cada aluno, sua cultura, sua maneira de ser e entender que cada um possui sua forma de aprendizagem. O professor deve ser o mediador destas diferenças individuais, uma vez que o processo ensino-aprendizagem, no cotidiano da sala de aula, geralmente acontece quando há interação entre professor e aluno.

Nesse sentido, Lembo (1975, p. 52) aponta que “os professores serão bem sucedidos na tarefa de auxiliar os jovens a aprender e a desenvolver-se de maneira pessoal e satisfatória, quando todas as dimensões do processo de aprendizagem forem individualizadas para cada aluno”.

O professor deve valorizar os conhecimentos que o aluno traz de casa, buscando formas significativas de ensinar, motivando e estimulando o educando. Em consequência, obterá relatos de experiências e conhecimento da vida do aluno, propiciando um aprendizado mais prazeroso.

Para que o aluno tenha êxito no processo de aprendizagem, é necessário que a família

dê suporte e estrutura para a formação do indivíduo, inclusive que a escola venha a valorizar todo e qualquer conhecimento que o aluno traz de casa, do seu meio familiar, oportunizando uma construção de conhecimento mais sólida, problematizando-o e garantindo, então, a construção do saber.

A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar simultaneamente, o papel de formador e de formando. O diálogo entre professores é fundamental para consolidar saberes emergentes da prática profissional. (VASCONCELOS, 1995, p. 79).

Muitos professores não estão preparados, não atualizam seus conhecimentos para trabalhar com as novas ideias que se apresentam a cada dia. Diante das experiências vividas na prática profissional, vê-se que sistema educativo, muitas vezes, não prepara o aluno para esse mundo desafiador e estimulante, visto que as mudanças avançam muito rapidamente pelas novas tecnologias.

O professor é um dos principais agentes de mudança no ensino. Acredita-se que esta relação existe, pois, para que se realize uma boa aprendizagem, há necessidade de uma escola bem estruturada com seus métodos e meios de acordo com a realidade da criança. Para que isso aconteça, a família deve intervir tanto dentro da escola como fora dela, pois são os pais que influenciam, na maior parte do tempo, o comportamento dos alunos.

Havendo cada vez mais a conscientização, tanto da sociedade, escola e da própria família quanto às suas funções educativas, ou melhor, se cada organismo social desempenhar seu papel, sua função social, a criança terá melhor aprendizagem, pois quando bem equilibrada, geralmente, é receptiva a novos conhecimentos, desenvolve suas atividades com mais responsabilidade e confiança consigo mesma. Nota-se a importância da família como força formadora do sujeito e as influências marcantes que ela pode

representar na vida escolar da criança. Assim, a falta de interesse e a falta de tempo dos pais para educar os filhos pode ser um dos agravantes na dificuldade de aprendizagem da criança.

A família e a escola são provavelmente as instituições sociais mais importantes durante os anos de formação da criança. Cabe a elas transformar uma criança dependente e imatura em um membro responsável, autossuficiente e em condições de contribuir para o bem-estar de sua comunidade. (ALENCAR, 1982, p. 135).

O desempenho escolar, quando não satisfatório, pode levar pai e filho a se desentenderem, transformando-se facilmente num obstáculo entre os mesmos. Mas, quando há um envolvimento maior dos pais na vida escolar, a criança tem mais chances de ter êxito na escola, fundamentando assim seu projeto pessoal de vida.

Salienta-se que a família realiza sua função educativa sempre que respeita as opiniões contrárias às suas; uma compreensão calorosa e recíproca contribui para as crianças se sentirem bem consigo mesmas. Aprender significa um novo modo de agir. Se acrescentarmos a essa definição, a ideia de aperfeiçoamento e de consciência, inteligência e autoatividade, teremos uma definição completa, encerrando as características da aprendizagem. (MUTSCHELE, 1985, p. 7). Educar, então, se torna uma tarefa cada vez mais difícil.

A maneira como encaramos a vida, ou seja, a visão de mundo que cada um de nós desenvolve e pelo menos em parte, transmitida aos filhos através do nosso contato com eles. É claro que a criança forma sua própria visão de mundo, através de várias outras experiências que encontra em sua vida, mas a filosofia de vida dos pais também exerce influência em vários níveis do relacionamento. (MALDONADO, 1985, p. 23).

A desagregação das famílias tem várias

consequências. Cresce o número de crianças que são criadas na ausência dos pais e as relações entre pai e filho são interrompidas, o que pode dificultar o desempenho na escola. Determinados tipos de conflitos conjugais afetam profundamente a saúde física e emocional da criança. “Os professores encontram muitas crianças emocionalmente perturbadas, tão aflitas e preocupadas com seus explosivos dramas familiares que não conseguem se concentrar nem para aprender uma coisa banal como a tabuada de multiplicar”. (GOLEMAN, 1997, p. 14).

Quando os pais, mesmo separados, procuram manter contato com seu filho, facilitam a sua educação. Embora o casal seja separado, casado ou divorciado, continua ou deveria continuar se respeitando, se tratando com harmonia, carinho e respeito. Certamente a criança se sentiria mais segura emocionalmente, o que influencia de forma positiva no seu desenvolvimento e reflete, principalmente, na aprendizagem em sala de aula.

Na verdade, quando há uma ligação forte entre pai e mãe, um envolvimento harmonioso e compreensivo, eles farão com que os filhos se sintam seguros e equilibrados emocionalmente, principalmente, na escola. Quando os pais procuram compreender as experiências dos filhos, eles sentem-se amparados, começam a confiar nos pais e a relação tende a demonstrar sentimentos verdadeiros, preservando o amor-próprio de ambas as partes.

Num relacionamento de paciência e diplomacia, os pais geralmente fortalecem nos filhos o senso de autoconfiança. No entanto, as crianças com preparo emocional são mais maleáveis, sentem-se mais seguras; não ficam tristes, irritadas e, em circunstâncias difíceis, demonstram-se mais preparadas em sala de aula. “Crianças que têm preparo emocional são fisicamente saudáveis e apresentam melhor desempenho acadêmico do que as que não têm. Estas crianças se dão melhor com os amigos, e têm menos

problemas de comportamento e são menos propensas à violência.” (DECLAIRE *apud* GOTTMAN, 1997, p. 25).

Vive-se uma época onde a falta de tempo dos pais para educar seus filhos está fazendo com que as crianças confundam a liberdade que possuem, trazendo descontrole de sua própria vida e até dificultando o trabalho do professor. É necessário ressaltar que a falta de limites pode ser uma das causas da indisciplina na escola e a criança com indisciplina tende a apresentar mais dificuldades na aprendizagem escolar. “A compreensão e a firmeza dos pais, no sentido de conter limites juntamente com o aumento da maturidade e da capacidade de autocontrole na criança, resulta numa gradual substituição das ações impulsivas e inadequadas por condutas adaptativas”. (MALDONADO, 1983, p. 113).

Observa-se que o papel da família na formação da criança é indispensável, mas a escola e o professor também são considerados de extrema importância para a construção do saber. No desenrolar do processo de aprendizagem, é necessário ter muita paciência e dedicação. Mutschele (1985, p. 96) “fala que a educação tem necessidade de paciência, dedicação e sacrifício, portanto, a escola e a família completam-se mutuamente”.

É preciso analisar e entender que, assim como as famílias, as escolas são diferentes. Muitas mantêm um relacionamento bastante harmonioso com as famílias, na busca da produção eficiente, levando ao educando o que há de melhor na valorização do mesmo como um ser em busca da evolução. A escola deve ser sempre a primeira a buscar esta boa relação com a família e com os próprios alunos. É preciso solidificar um clima afetivo e cordial entre alunos, pais, professores e mesmo entre outros adultos que fazem parte desta relação. Só assim, todos os segmentos interessados nesta grande conquista do “evoluir” da criança terão oportunidade de juntos, refletirem e construir mais

facilmente o caminho para o sucesso pessoal e profissional, firmando uma relação rica e construtiva.

É muito difícil manter a coerência entre estes três segmentos: a família, professor e a escola, visto que as crianças são oriundas de famílias de classes e culturas diferentes. Se isto não bastasse, ainda se deparam com o sistema educacional em fase de transição constante, onde os profissionais desta área, muitas vezes, não conseguem chegar a um acordo quanto à metodologia e não garantem unidade no trabalho.

3.2 FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA

A escola é percebida como um espaço social de formação da vida de alunos e professores. Destaca-se, porém, que a concepção de escola tem mudado muito e vem se adaptando às mudanças exigidas pela sociedade. A escola tradicional, onde os alunos não tinham direito de se expressar e colocar suas ideias evoluiu para concepção de agência educacional, procurando assumir um papel de formação integral do educando. Assim, a escola contemporânea precisa estar consciente que atende ao aluno e à sociedade.

Se fizermos uma retrospectiva histórica da função social da escola, verifica-se que, durante algum tempo, ela teve como objetivo somente dar aulas, suprimindo as necessidades de ler e escrever e não se constituindo em base para a vida social. Hoje, a escola realiza atividades que estão direcionadas com o desenvolvimento do indivíduo no sentido de autorrealização e formação que lhe dá estrutura e uma base sólida para convivência em sociedade.

A função da educação escolar formulada pela sociedade moderna seria de fornecer aos indivíduos as informações mínimas e a preparação adequada à vida social, ampliar e orientar os processos de aprendizagem fora

do lar, adquirindo cultura, entendida como compreensão dos valores que são praticados pela sociedade (ARROYO, 2000).

A escola, como agência de formação, não pode fugir desse compromisso. Cabe-lhe, entre outras responsabilidades, ajudar os alunos a desenvolver comportamentos e assumir posturas positivas relacionadas ao meio social, percebendo-a como o lugar onde se buscam conhecimentos e prepara-se o cidadão para a vida.

Entretanto, a escola, como parte de uma sociedade, deve ter clareza da sua função social, seus princípios, valores e compromisso com seus alunos; deve possuir uma boa organização administrativa e pedagógica para alcançar suas metas e objetivos.

É decisivo que a escola de hoje assuma para si a responsabilidade de ampliar sua atuação, esforçando-se para que seus educadores tenham esta visão ampla e profunda do indivíduo e de suas possibilidades cognitivas, sobretudo as emocionais, ajudando-o a se preparar para o mundo desafiador que cada vez mais se apresenta a ele.

Quando a escola se compromete politicamente com a aprendizagem do educando, todos os profissionais que nela atuam se mobilizam para que ele aprenda. A instituição escolar deve proporcionar um ambiente onde o aluno se sinta bem, se desenvolva naturalmente. Quando as crianças são respeitadas na sua dignidade como ser humano, quando seus conhecimentos e capacidades são reconhecidos e valorizados, quando suas ideias e sugestões são ouvidas, acontece a interligação do meio social com a prática escolar. Diante disso, a escola deveria organizar-se de maneira que seus alunos sentissem prazer e satisfação, em que o ir para escola pudesse ser vantajoso, permitindo que a criança socializasse suas experiências cotidianas para poder ter um maior envolvimento nas aulas, desenvolvendo a educação dialética numa sociedade em

transformação (MATURANA, 2002).

Logo, a escola não é apenas uma instituição que reproduz as relações sociais, mas um espaço em que a sociedade produz grupos sociais que lutam por justiça, pelos seus direitos, como verdadeiros cidadãos.

É preciso que a família, a escola e a sociedade ofereçam ao indivíduo uma educação que represente um projeto de vida autêntico e que forneça a preparação necessária para que, através dessa educação, ele possa habilitar-se ao exercício pleno da cidadania. É preciso desenvolver no indivíduo condições necessárias de cidadania, oferecendo-lhes benefícios do meio. Quando lhe são negadas estas condições, o indivíduo torna-se marginalizado, injustiçado, excluído e a ele é vetado o acesso a bens comuns, como a saúde, habitação, educação, lazer (ROMEIRO, 2000).

A sociedade brasileira é um exemplo da desigualdade social, onde as instituições encarregadas da construção do saber, principalmente a escola, sofrem influências e consequências do capitalismo que estabelece critérios que desfavorecem aos que já estão desfavorecidos, excluindo, por vezes, os conhecimentos que a criança pobre traz para escola. Sabe-se que essa não tem as mesmas oportunidades de uma criança rica e, dependendo da maneira como é tratada, poderá também ter defasagem na aprendizagem.

A escola burguesa estimula o individualismo, a competição, o consumismo, valores da sociedade capitalista. A escola, segundo Gadotti (1990, p. 64), “evidencia o papel desempenhado pela educação capitalista como inculcadora de ideologia”. No entanto, tem se mostrado sem identidade na formação social e política das classes populares.

A organização escolar estruturada pela sociedade capitalista procura, em última instância, a manutenção das relações sociais de produção, refletindo

as divisões sociais existentes, com tendências a perpetuá-las, e acentuá-las enfatizando, assim, a manutenção do poder da classe dominante. (LIBÂNEO, 1986, p. 33).

A realidade brasileira da classe desprivilegiada, de não ter uma educação de qualidade como deveria ter é muito triste. As condições materiais, equipamentos utilizados pelas escolas da classe média e alta é superior aos das instituições que atendem à classe pobre que não podem oferecer aulas de música, inglês, dança e outras atividades aos menos favorecidos.

Por outro lado, percebe-se que as quatro horas de aula das crianças ricas são complementadas com materiais didáticos que estimulam a aprendizagem do aluno. Assim, as crianças da camada média e alta se comportam com toda comodidade na escola, pois elas têm uma continuação do seu lar. Já uma criança da classe popular sente-se, na escola, muitas vezes, como numa casa alheia, que lhe exige comportamentos e outras linguagens que não lhe ensinaram, levando-as à exclusão ou mesmo à evasão escolar.

Por isso, a escola tem como função situar o indivíduo no mundo, na sua história e possibilitar a ele condições de sobrevivência nesse mundo tão difícil para que ele desenvolva habilidades que lhes permitam desafiar sua própria vida, possuindo responsabilidades e construindo seu futuro com dignidade e esperança de um amanhã melhor.

3.3 O PAPEL DA FAMÍLIA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA APRENDIZAGEM: QUE TIPO DE FAMÍLIA ESTÁ SE FORMANDO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO?

A maioria das pessoas conhece a palavra *família* como indicativo de grande carga afetiva representada, normalmente, pelo pai, mãe e filhos que vivem num mesmo ambiente aconchegante e harmonioso. Ambiente

familiar necessário para perfeita educação dos filhos, onde é dada maior relevância ao calor materno e ao amor que contribui para firmar a afetividade entre mãe e filho.

O homem é um ser social e, nessa condição, vive rodeado de pessoas. A família é tida como a primeira base da sociedade. De acordo com Goode (1963, p. 11), “em todas as sociedades conhecidas, quase todos os indivíduos vivem enredados numa trama de direitos e obrigações familiares chamadas relações inerentes ao papel”.

A criança vivencia estas relações através de um longo período de socialização, onde passa a conhecer as regras e comportamentos exigidos pelos membros de sua família, visto acharem o que deve e o que não deve ser feito em benefício desta criança. Tal é o envolvimento, que ela própria passa a achar que é mesmo correto e essencial, deixando de conquistar os direitos vantajosos que lhe são recusados.

A família é apontada como peça fundamental na busca do conhecimento dos seus membros, no entanto sente que não está adequadamente preparada para isto. Com dificuldades e sem saber exatamente para onde seguir, busca reforço nas instituições sociais, estatais ou particulares, igualmente frágeis e inseguras (MARINHO, 2002). Ao tentar fazer uma retrospectiva da história da família, é necessário lembrar as transformações ocorridas com o passar do tempo.

Goode (1963, p. 34) diz que: “Os mais antigos documentos sobre a moral e a ética lembram que uma sociedade perde seu vigor quando as pessoas deixam de cumprir com as suas obrigações familiares”. Essas obrigações recebem diferentes pesos de acordo com as fases da história da família. Na fase patriarcal, que perdurou por praticamente 40 séculos, tudo era feito em função do pai. Ele era soberano sobre a mulher e os filhos eram residuais, dando total privilégio ao patriarca da família. Goode (1963, p. 9) relata ao desenvolvimento familiar:

Temos progredido, da força arbitrária dos mais velhos para a liberdade pessoal do jovem: dos casamentos frios, baseados em arranjos financeiros, as uniões baseadas no direito de escolha dos jovens; das barreiras de classes rigidamente mantidas entre as crianças, a um sistema de classes sem barreiras; da submissão da esposa ao igualitarismo e companheirismo no casamento; e da repressão às emoções das crianças à tolerância.

O matriarcado desenvolveu-se mais acentuadamente a partir da segunda guerra mundial, quando a mulher começou a participar tanto quanto o homem na fabricação de bombas, aviões e tanques. Iniciou-se uma competição entre os sexos, fazendo com que a mulher viesse a ser tão “massificada” quanto o homem. Isto estava longe de ser benefício, mas não deixou de ser uma ponte transformadora. Aqui o pai já ousava dizer: “Pergunta à tua mãe! O que sua mãe resolver é responsabilidade dela! Sua mãe sabe o que faz!” Após a Segunda Guerra Mundial, vieram gerações com grandes dificuldades na educação dos filhos. As transformações sociais são rápidas e acompanhá-las parece confuso e inseguro. O matriarcado não deu certo e, em seu lugar, passou a vigorar o patriarcado. Os conflitos de gerações são inevitáveis nas evoluções, porém são necessários e acredita-se que sejam para melhor.

Ouvimos muito falar que na casa é o filho quem manda. Ele é centralizador da família, é para eles que se voltam às preocupações e os privilégios. Os desejos dos pais ficam, muitas vezes, em segundo plano, dando vez aos filhos para vivenciarem os modismos no vestuário, escolas particulares e horas de lazer e entretenimento.

Percebe-se que a educação escolar começa com o meio de transporte que conduz a criança à escola. As mães já não são tão solicitadas a comparecerem nas festividades escolares. Esta mudança na educação escolar só acontece porque a família aceita ao achar que traz benefícios para si mesmo.

Só quando o filho retorna para casa é que centraliza a atenção familiar, que discute, planeja e se preocupa com o que deve ou não ser feito com ela. A criança passou a fazer parte da instituição social mais cedo, mas traz traços marcantes que, antes de tudo, pertencem a uma família.

Reforçando, Grunspun (1984, p. 54) diz que: “O pertencer à família é algo que faz o ser humano participante, completo, relacionado, imprescindivelmente relacionado com outros seres humanos sem grande patologia ou barreira de se transmitir ao outro: a marca disto é inevitavelmente a família”.

Nesta fase, o poder dos filhos está sendo crescente e acelerado, os pais estão “apavorados” com receio de não conseguirem dominar seus horários e existem fortes tendências consumistas. A mídia só acontece com tanto vigor porque usa a criança e o jovem para lhes ditarem o que é melhor para si e para toda a família.

Segundo Ximenes (2004), o filiarcado é uma nova era. Diante das informações que aparecem diariamente nos jornais, revistas, televisão e computadores, os filhos adquirem mais conhecimentos do que os pais. É o princípio da realidade madura expressada por coragem, embasada pelo reconhecimento do valor material, manifestando-se contra as antiquadas ideias paternas.

Não parece adequado falar em relacionamento maduro nas famílias que, de forma desmedida e inconsciente, leva ao extremismo fatores indispensáveis ao equilíbrio e harmonia familiares. Entre os fatores que parecem mais influenciar, está o excesso de autoridade, ou falta mesmo, a desproteção total, por falta de recursos ou afeto. Daí a necessidade de manter-se um estreito relacionamento entre os membros da família, refletindo esta vivência também para fora, para a escola e no mundo vivido, externamente.

3.4 METODOLOGIA: DEFININDO ALGUMAS PISTAS PARA UMA MELHOR INTERAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA

Quando se fala em metodologia de interação, fala-se na forma de interação estabelecida entre a escola e as famílias e, a partir desse conhecimento, ajudá-las a construir proposta de aproximação, de modo a favorecer o sucesso escolar dos alunos.

Para que uma criança construa conhecimentos, inicialmente, a família precisa entregá-la à escola, confiar na instituição e em seu trabalho. Tanto a família quanto a escola necessitam possuir o mesmo ideal de homem, de mundo e, conseqüentemente, de educação. Assim, ambas são agentes educadores, formadores e socializadores que contribuem e influenciam no futuro de uma criança.

Frequentemente, veem-se muitos pais que somente procuram a escola em momentos cruciais ou para apontar falhas na instituição, sem dar-se conta de que a criança necessita de sua participação durante todo o ano letivo, ou seja, que frequente a escola para a construção de um Projeto Político Pedagógico autêntico, que acompanhe o processo avaliativo, através da abertura de participação em Conselhos de Classes, que conheça os professores, que saiba quais as metodologias adotadas por cada um deles. Quando a família vai à escola com mais frequência, esse fato tende a elevar o nível de aprendizagem e regredir o nível de dificuldade, tornando o aluno mais seguro de suas atitudes, habilidades e competências.

Assim, um grupo escolar que se propõe a uma mudança em relação à interação família e escola deve, finalmente, elaborar junto com todo corpo docente ações que levem a um relacionamento recíproco. Para isso, se faz necessário conhecer a realidade da família, sua comunidade, seus pontos fortes e fracos, os desfechos com sucessos e insucessos.

A escola conhecedora desses fatores vai

finalizar a organização de um plano de ação e em concordância com todos que fazem parte deste processo, realizar as ações propostas de uma da ação transformadora.

4 MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho apresenta a sua segunda parte, propondo nesse momento a metodologia e os instrumentos utilizados na pesquisa do mesmo. Assim sendo, citaremos os principais autores de fundamentação teórica envolvidos no tema proposto. Pretende-se apresentar a importância da pesquisa, visto que essa é de grande valia para todo objeto de estudo, principalmente nos dias atuais, onde a família se afasta cada vez mais do espaço educativo. O objetivo é que a família, sociedade e, em destaque, a escola devem oferecer à criança uma educação que represente um projeto de vida autêntico e que forneça a preparação necessária para que, através dessa, possa habilitar o educando ao exercício de “cidadania”.

Para orientar o presente trabalho destacam-se alguns aspectos relacionados à pesquisa qualitativa e ao estudo bibliográfico para o seu desenvolvimento. Numa pesquisa buscam-se respostas para fatos problemáticos ou que necessitam de aprimoramentos teóricos. De acordo com Pádua (1996, p. 49):

[...] pesquisa é toda atividade voltada para a solução de problema; como atividade de busca, indagação, investigação, inquirição da realidade, é a atividade que vai nos permitir, no âmbito da ciência, elaborar um conhecimento, ou um conjunto de conhecimentos, que nos auxilie na compreensão desta realidade e nos oriente em nossas ações.

Para discorrer sobre o assunto baseou-se em vários autores, que nos últimos anos, têm trazido para reflexão questões sobre o tema proposto. Vejamos alguns dos principais autores utilizados na pesquisa:

Para Alencar (1982) A família e a escola são provavelmente as instituições sociais

mais importantes durante os anos de formação da criança. Maldonado (1985) discorre sobre os valores que os filhos constroem sobre ser bom pai ou boa mãe e isso exerce uma influência marcante na estruturação do relacionamento. Jaques Lacan (apud BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999) a família desempenha um papel primordial na transmissão de cultura. Para Aquino (2002) os pais são os primeiros e principais educadores dos filhos e a família é a primeira das virtudes sociais de que as sociedades têm necessidades.

Nogueira (2000) aponta que esse trabalho da família é difícil de ser percebido, mas perpassa toda a trajetória escolar desses estudantes. Para Toscano (1985) é preciso que a família exerça a formação da personalidade dos jovens e que tal ação ainda é decisiva na infância. Segundo Gesell (1977), as crianças não mudaram de forma apreciável, mas as famílias nos seios das quais criam são em muitos aspectos completamente diferentes do que era há trinta anos. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Art. 53º, Parágrafo Único, “é dever dos pais ou responsáveis ter consciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais”. E também, Art.129º, Capítulo V, a família tem “obrigação de matricular o filho ou pupilo e acompanhar sua frequência e aproveitamento escolar”.

Para Guimarães (1993) não é possível que os pais estejam apenas obcecados pelo sucesso escolar dos filhos. Tedesco (2002) aponta que não se pode simplesmente transmitir conhecimentos se a socialização primária, embutida de valores e afetos importantes, não está completa. Nas leituras percebe-se que a escola e o professor são de grande importância para a formação da criança. Também é muito importante que a sociedade, a escola e a família valorizem as pequenas construções infantis no dia a dia, compreendendo e incentivando sua interação social.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O referido trabalho teve como objeto de estudo, refletir sobre importância da participação da família no processo ensino-aprendizagem. Podemos compreender que a família e a escola são possivelmente, as instituições mais significativas durante os anos de formação da criança, contribuindo para sua construção como indivíduo em desenvolvimento.

Como resultado pode-se também apontar que em algumas situações o próprio contexto educacional (professor, gestão escolar, funcionários) não tem muita clareza do seu papel como agente educador, querendo que a família os auxilie em como ensinar, por exemplo, o que verdadeiramente é papel da escola. A família pode ajudar, mas a responsabilidade da sistematização do conhecimento e da escola.

Afirma-se que se chegou ao objetivo principal, pois a reflexão foi profunda e fundamentada em bibliografias específicas sobre o tema, ou seja, não foi uma pesquisa elaborada apenas para a formalidade de um trabalho de graduação, mas enfatizando que o acompanhamento da família no processo ensino e aprendizagem são de grande importância para desenvolver suas competências e sentir que a educação é importante para sua construção como ser social.

6 CONCLUSÃO

Para aprofundar este estudo foram feitas muitas reflexões e observações sobre o tema “Um Olhar Pedagógico Sobre a Importância da Família no Contexto Escolar”, que possui uma grande abrangência nos dias atuais. Sabe-se, de antemão, que o acesso a uma educação de qualidade, é privilégio de poucos.

Finalizando este trabalho, pode-se dizer que a sociedade moderna, às vezes, faz com que a família se afaste dos direitos e

deveres que proporcionam à criança um desenvolvimento completo que envolve emoção, limites e desenvolvimento.

Percebe-se assim que, quanto menores as condições financeiras, maior é o impacto na vida do ser, causando desinteresse escolar; afinal, seus membros são, muitas vezes, provenientes de família desestruturada.

Quando as crianças chegam à escola, por vezes, se deparam com professores descompromissados, sem paciência, fazendo com que seus alunos fiquem cada vez mais desmotivados com a situação em que se encontram, pois na própria família não são estimulados.

A pesquisa também revelou que, em algumas situações, a própria escola, professores, não tem muita clareza do seu papel como agente educador, querendo que a família os auxilie em como ensinar, por exemplo, o que verdadeiramente é papel da escola. A família pode ajudar, mas a responsabilidade pela sistematização do conhecimento é da escola.

Outra questão é que a escola precisa estar sempre orientando os pais sobre como ela pode contribuir com o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem das crianças. Ora, se a escola tem dúvidas, imagine os pais. E, pelo resultado da pesquisa, a escola pouco orienta os pais.

Sabe-se que a família é a primeira instituição educacional da criança e os pais devem assumir o direito de orientá-la e dirigi-la, mas a escola se quiser ter um bom relacionamento com a família e contar com a sua ajuda deve mantê-la sempre perto e bem orientada.

Diante disso, a família deve ter como seus principais objetivos: o amor, o auxílio, a compreensão mútua e a educação.

Sendo assim, num ambiente harmônico, compreensivo, a família terá condições

mínimas de alcançar seus objetivos e educar seus filhos. Desta forma, acredita-se que a escola é o lugar onde todas as crianças devem ter as mesmas oportunidades, mas com estratégias de aprendizagens diferentes, caso contrário gera abandono, desmotivação, entre outros, até mesmo a indisciplina.

Neste trabalho, percebeu-se que a escola, o professor, é de grande importância para a formação da criança. Também é muito importante que a sociedade, a escola e a família valorizem as pequenas construções infantis no dia a dia, compreendendo e incentivando sua interação social.

Então, pais, professores e sociedade não podem esquecer a grande responsabilidade que cada um tem em suas mãos com referência à educação de nossas crianças para que elas desenvolvam um aprendizado de qualidade e utilizem essa educação para toda sua vida. Os estudos apresentaram que com a família e a escola aliadas, o educando sente-se mais seguro e capacitado para aprendizagem. Em consequência será mais feliz, alegre, confiante e persistente.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice M. L. S. **A criança na família e na sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1982.

AQUINO, Felipe. **Família santuário da vida**. 5. ed. São Paulo: Cléofas, 2002.

ARROYO, Miguel. **Ofício de mestre**: imagens e autoimagens. Petrópolis: Vozes, 2000.

BENCINI, Roberta. Como atrair os pais para a escola. **Nova Escola**, São Paulo, ano 18, n. 166, p. 38-39, out. 2003.

BOCK, Ana M. Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 12. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

DANTAS, H. **A infância da razão**. São Paulo:

Manole, 1990.

ESTEBAN, M. T. **Repensando o fracasso escolar**. Cadernos CEDES. Campinas, (1992).

GESELL, Arnold et al. **A criança dos 5 aos 10 anos**. Lisboa: Dom Quixote, 1977.

GADOTTI, M. **Escola Cidadã**: uma aula sobre a autonomia da escola. São Paulo: Cortez, 1990.

GOODE, Wilian. **Revolução mundial e padrões de família**. São Paulo: Nacional, 1963.

GUIMARÃES, Almir Ribeiro. **Quando o assunto é família**. Petrópolis: Vozes, 1993.

GOTTMAN, J; DECLAIRE, J. **Inteligência emocional e a arte de educar nossos filhos**. 14. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

GRUNSPUN, Hain; GRUNSPUN, Feiga. **Assunto de família**. São Paulo: Kairos, 1984.

LEMBO, John M. **Por que falham os professores**. São Paulo: EPU, 1975.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1986.

MALDONADO, M. T. **Comunicação entre pais e filhos**: a linguagem do sentir. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

MARINHO, Dorian Ribas. **Direitos humanos e cidadania**. Florianópolis: UDESC: FAED: CEAD, março de 2002.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MUTSCHELE, M. S. **Problemas de aprendizagem da criança**. São Paulo: Loyola, 1985.

NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI,

Geraldo; ZAGO, Nadir. **Família e escola:** trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis: Vozes, 2000.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini. **Metodologia da pesquisa:** abordagem teórico-prática. 3. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

ROMEIRO, Alice et. al. **Um olhar sobre a escola.** Ministério da Educação, Brasília, 2000.

SAVATER, F. **O valor de educar.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

TEDESCO, Juan Carlos. **Fala mestre!** Nova Escola, São Paulo, ano 17, n. 156, p. 23, out. 2002.

TOSCANO, Moema. **Introdução à sociologia educacional.** 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

VASCONCELOS, Celso dos S. **Construção do conhecimento em sala de aula.** 5. ed. São Paulo: Libertad, 1995.

WINNICOTT, D.W. **A família e o desenvolvimento individual.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

XIMENES, R. C. C. (2004) **Prevalência de transtornos alimentares em adolescentes com 14 anos de idade na cidade de Recife.** 2004. 136 f. Dissertação (Mestrado em Odontopediatria), Faculdade de Odontologia de Pernambuco, Universidade de Pernambuco, Camaragibe. 2004.